

O amor gay como um caminho espiritual

autoria de
William Schindler

Introdução – A necessidade de significado

A alma humana busca ansiosamente por um significado nessa vida que oferece prazeres fugazes repletos de sofrimentos cercados pela morte. Juventude, beleza, possessões materiais e todas as relações humanas são coisas transientes e nunca poderão satisfazer completamente a alma, que é eterna e não requer nada que seja passageiro para preenchê-la. Desde o advento da aids, os homens gays, em especial, tiveram que confrontar a morte de uma maneira que normalmente acelera o processo natural de maturação espiritual. O fato de eles terem visto boa parte da sua geração adoecer e morrer, com possibilidades semelhantes para si mesmos, levou-os a desenvolver uma perspectiva sobre a mortalidade típica daquela comum entre os idosos. Místicos de várias tradições afirmam que nós só podemos satisfazer a ânsia das nossas almas experimentando a fonte eterna do nosso ser. Eu chamo esta fonte de Deus ou Ser, e entendo que os nomes e manifestações de Deus são infinitos e que qualquer palavra ou descrição é, necessariamente, parcial. Portanto, diante de qualquer coisa que alguém possa afirmar sobre Deus, eu replico, “Isto, também”.

Os místicos, aqueles que realizaram Deus em um ou mais aspectos, indicaram métodos pelos quais outros também podem experimentar a fonte divina ou Ser. É importante destacar que as religiões místicas são totalmente diferentes das religiões não-místicas ao insistir que nada a não ser a experiência direta de Deus é suficiente. Não é suficiente acreditar em Deus. Não é suficiente acreditar que Deus encarnou para trazer salvação espiritual ao mundo. Não é suficiente ir à igreja, sinagoga, mesquita ou templo, ou participar das formalidades ou rituais da religião. Não é suficiente orar, meditar, fazer atos de caridade, visitar lugares de peregrinação, jejuar e praticar outras austeridades físicas, estudar livros sagrados ou se associar com pessoas sábias. Não é suficiente fazer psicoterapia. Nada menos que a experiência direta de Deus é suficiente.

Tecnologias espirituais

Para obter tal experiência direta os místicos empregaram e ensinaram o que chamo de tecnologias espirituais, métodos para conectar o indivíduo com a fonte divina. Na minha opinião, o hinduísmo (mais acuradamente chamado Sanatana Dharma) e o budismo contêm as tecnologias espirituais mais desenvolvidas disponíveis para nós hoje em dia, passadas numa corrente ininterrupta de transmissão de professor para estudante desde a antiguidade. Não estou dizendo que estas religiões são corretas e outras erradas nem que somente elas possuem os métodos para a experiência mística. Estudantes do misticismo comparado podem encontrar fartos exemplos de práticas místicas que levam à visão espiritual em praticamente qualquer sociedade humana. No entanto, muitas destas tradições, especialmente as formas comuns de cristianismo e judaísmo, perderam a ligação com as suas tecnologias espirituais. Este, por exemplo, foi o fato que levou o monge trapista Thomas Merton a buscar orientação espiritual do Dalai Lama e outros mestres na Ásia.

Ascético e extático

Aspirantes e místicos de diferentes temperamentos e em diferentes estágios de desenvolvimento espiritual usam métodos que podem ser divididos de modo geral em duas abordagens: a ascética e a extática. A abordagem ascética enfatiza a renúncia da experiência sensual como esforço para alcançar um estado mental unidirecional ou obter um *insight* transformador; a abordagem extática enfatiza o envolvimento nas experiências sensoriais com uma mudança radical de atitude para vivenciar a essência divina nas formas do mundo fenomenal. Ambas abordagens podem reivindicar o não-dualismo como seu fundamento filosófico e podem utilizar tecnologias espirituais que agrupadas podem ser chamadas "Yoga".

As diferenças filosóficas entre as duas abordagens conduzem a práticas que em seus extremos parecem diametralmente opostas, mas que em muitos estágios são bastante similares. Os ascetas renunciam o mundo ostensivamente, e o monasticismo é o resultado natural de uma abordagem ascética da espiritualidade. Mas nem os monges podem fazer o mundo desaparecer, pois até mesmo aqueles mais contemplativos precisam abrir seus olhos em algum momento e se envolver com o mundo sensorial, embora eles possam minimizar e condicionar este envolvimento. O vedanta e o budismo contêm tradições ascéticas vivas. Os extáticos, por outro lado, se envolvem na totalidade da

experiência humana, mas na prática eles também limitam e controlam o envolvimento com o mundo sensorial através do ritual, da moral e da disciplina mental, em nada diferentes daquelas praticadas pelos monges. O vedanta tântrico e o budismo são tradições extáticas vivas. Muitos monges utilizam técnicas tântricas em suas práticas espirituais, e muitos tântricos vivem como monges. No entanto, neste artigo eu me concentrarei na prática do tantra, especialmente na que chamo de Tantra Ramakrishna, pois esta é a tradição na qual eu tenho treinado nos últimos 30 anos.

A filosofia tântrica de Ramakrishna afirma que Deus se tornou o universo, e que o entendimento correto disto pode revelar o divino através de qualquer forma. Na verdade, o tantra em si não é um sistema filosófico separado, mas um corpo de disciplinas espirituais criadas para levar o praticante à realização da verdade vedântica, “Tudo isto é, verdadeiramente, Divino”¹. A maior parte das práticas tântricas consiste no cultivo da consciência do divino dentro dos corpos físicos e sutis do aspirante, e dentro de símbolos e implementos na adoração ritualística para depois aplicar esta consciência em ações rituais. O iniciante começa com rituais que naturalmente engendram experiências do divino através de sensações prazerosas e edificantes. Mas, conforme o aspirante avança, ele gradualmente aprende a transferir esta consciência do divino para sensações e ações que previamente lhe evocariam repulsão, vergonha e medo, ou naquela que envolve diretamente a mais poderosa e fundamental das energias psíquicas: a erótica.

Erotismo divino

A busca do divino através do erótico é um dos aspectos mais conhecidos e, no entanto, menos entendidos do tantra. Comparada com o celibato monástico, a sexualidade tântrica pode parecer, obviamente, a opção mais atraente. Desfrutar um excitante parceiro sexual parece melhor do que se abster inteiramente de sexo. A menos, claro, que o objetivo seja a realização de Deus, a experiência do divino Ser. Embora não haja dúvida de que o divino se manifeste em todos os seres, há nele dois aspectos, um revelador e outro ocultador. Alguns objetos dos sentidos e ações tendem a revelar o divino mais facilmente do que outros. Por isso, os iniciantes no tantra aprendem seus rituais alquímicos em santuários e templos protegidos, onde as imagens e os implementos de adoração personificam mais o aspecto revelador de Deus. Imagens divinas, incensos agradáveis, flores, perfumes delicados, pureza ritual, paisagens bonitas, músicas edificantes, companhia e apoio de pessoas com

pensamentos semelhantes e uma atmosfera pacífica, tudo isso ajuda a cultivar o contato com o ser divino.

Por outro lado, o desfrute inconsciente, irrestrito dos sentidos normalmente obscurece a presença divina, deixando a mente desfocada, irrequieta, oscilando incontrolavelmente entre os pólos de prazer e dor, felicidade e sofrimento, esperança e desespero. O desfrute dos sentidos através do erotismo é o mais intenso e poderoso de todos, e quando usado inconscientemente ele oculta o divino ainda mais profundamente. O sofrimento é resultado inevitável de uma sensualidade irrestrita, mas este sofrimento, em última instância, também é salvador, já que em essência ele também é divino. O hedonismo também é um yoga, mas é provavelmente a sua forma mais baixa e dolorosa. Para uma pessoa que é tão inconsciente ao ponto que seu conceito de felicidade esteja limitado a obtenção e experiência do objeto dos sentidos pode ser que não haja outro caminho. Mas, conforme a consciência vai aumentando através do sofrimento, nós adotamos um método mais direto, menos doloroso para tomar ciência do nosso Ser, o que pode por si só nos permitir transcender completamente o sofrimento e alcançar a consciência plena e felicidade. Tomado de maneira consciente, o erótico é o caminho mais direto para Deus.

Então, como podemos usar o erotismo conscientemente? É aqui que as coisas ficam complicadas, até mesmo perigosas, na perspectiva de um aspirante sincero. Semelhante a uma serpente mortal, cujo veneno pode ser tirado e usado como remédio por alguém bem treinado, mas cuja mordida inesperada pode matar rapidamente, o erótico é algo que os aspirantes se aproximam com cuidado. A maior parte de nós na verdade preferiria evitar o contato com serpentes, e este é o apelo do celibato monástico. O celibato coloca a cobra do erotismo atrás de uma parede de vidro que nos protege do seu bote. Infelizmente, ele também nos priva do seu potencial veneno benéfico. Para muitos aspirantes espirituais, manter a serpente do erotismo à distância permite que eles progridam de forma tangível pelo caminho da iluminação em relativa segurança. No entanto, para alcançar os mais altos estados de consciência mística, no qual o místico experimenta o divino em todas as coisas, cada aspirante terá que eventualmente aprender a segurar a serpente e destilar o seu veneno para destruir os últimos vestígios da doença do pensamento dualista.

Na filosofia tântrica, o erotismo se expressa em todos os níveis do ser e da consciência. No nível físico, grosseiro, experimentamos o erótico através dos órgãos de percepção e dos impulsos instintivos que estão enraizados no nosso

ser biológico, como a fome, o desejo sexual e o conforto físico. No nível sutil, o erótico se expressará como pensamento, sentimento e imaginação. Num nível espiritual mais sutil, o erótico nos conecta com o ser divino numa relação íntima. Num nível espiritual mais profundo, todas as formas, identidades e aspirações se fundem em um único Ser. O aspirante extático não abandona automaticamente as expressões mais baixas para tentar experimentar as mais altas, como os ascetas fazem, mas se esforça para apreender a presença erótica divina em qualquer expressão. No entanto, conforme ele se torna mais experiente no manejo com o aspecto divino do seu ser, as expressões grosseiras desaparecem por si mesmas, para encontrar a sua satisfação numa experiência mais abrangente. O desejo sexual por determinado tipo de corpo, por exemplo, vê-se substituído por um amor generalizado por todos os seres, experimentado como mais prazeroso, que satisfaz mais profundamente do que qualquer experiência menos completa. O aspirante extático literalmente segue o seu êxtase e nunca descansa satisfeito até que ele alcance a Fonte do êxtase dentro e fora.

Naturalmente extático

Os gays são, por natureza, mais aptos às formas extáticas de espiritualidade do que ao ascetismo, pois eles vivenciam uma relação com o erótico dramaticamente diferente daquela dos seus pares heterossexuais, pelo fato de habitarem corpos físicos que são eroticamente estimulantes para si mesmos. (Esta é uma verdade que pode não ser evidente para muitos gays que aprenderam desde cedo a negar e censurar impulsos homoeróticos e a autoconsciência até para si mesmos). Para um homem que não seja gay, somente o fato de ele se isolar das mulheres reduz enormemente o seu estímulo. Pelo contrário, um homem gay num monastério leva o objeto do seu desejo erótico consigo. Ele anda, respira, toma banho, e até dorme com um corpo masculino. Por isso, para muitos gays uma abordagem predominantemente ascética está fadada ao fracasso. A incapacidade em perceber e valorar esta importante diferença entre o Eros gay e o não-gay conta muito na crítica ignorante feita aos gays como sendo “obcecados por sexo”, implicando que a nossa relação totalmente diferente com o Eros é uma falha moral. Uma avaliação compassiva, baseada na realidade, revela, no entanto, que os gays têm por natureza uma aptidão única para as abordagens extáticas da espiritualidade, e que a falha moral, se alguém prefere pensar nestes termos, existe naqueles que de forma ignorante, e até mesmo cruel, tentam impor as

suas abordagens ascéticas em todos, independentemente da aptidão. A tradição tântrica oferece um sistema plenamente desenvolvido de filosofia extática e metodologias para experimentar o espiritual através do erótico.

O tantra tradicional não contém referências específicas ao erotismo gay², mas os seus princípios de envolvimento erótico consciente se aplicam facilmente. Embora o imaginário tântrico de masculino-feminino possa parecer claramente não-gay, de fato, um importante objetivo das práticas tântricas é a união dos opostos, simbolizado no dualismo do masculino-feminino. O praticante masculino deverá descobrir e unir-se com o aspecto feminino dentro dele mesmo e a praticante feminina deverá descobrir e unir-se com o masculino. Muitos gays experimentam a união do masculino e do feminino dentro de si sem nenhum grande esforço. Esta é outra indicação da aptidão natural dos gays para as práticas tântricas.

Identidade gay

Quero abordar o que chamo de Tantra Gay, o envolvimento consciente dos gays com o erótico como um caminho espiritual. Escrever sobre o erotismo gay é problemático, em parte porque não existe definição universalmente aceita do que a palavra “gay” significa, embora ela seja comumente, e acredito imprecisamente, usada como sinônimo para homossexual. Parte do problema reside na complexidade da sexualidade humana em si. Embora a nossa língua e estrutura social nos encorajem, na verdade praticamente nos forçam, a definir e compreender nós mesmo e os outros em termos simplistas, tais como gay e não-gay, homem versus mulher, estes termos nunca abrangem a totalidade do nosso ser.

A princípio, uso a palavra “gay” para me referir à identidade de uma pessoa, como ela se reconhece dentro de si e em relação aos outros. Uso a palavra “homossexual” meramente para descrever sentimentos sexuais e comportamentos entre pessoas do mesmo sexo. Comportamentos e sentimentos homossexuais podem contribuir para o desenvolvimento de uma identidade gay, mas isto nem sempre ocorre. Acredito que uma pessoa se torna gay através de um processo de autoconsciência e auto-rotulagem. Portanto, considero uma pessoa gay se ela se considera gay, quer ela reconheça isso para outros ou não. Ela pode ser homossexual, bissexual, ou o que quer que seja, mas ela tem que tornar-se gay.

Parte da identidade gay, que está sempre nascendo, em evolução contínua, é uma consciência expandida e em expansão do potencial das relações humanas. Uma pessoa gay sabe o que as outras pessoas sabem, mas ela também sabe o que estas não sabem, ou não podem se permitir saber ou reconhecer. Uma pessoa gay sabe pela experiência que o amor entre pessoas do mesmo sexo é possível. Uma pessoa que não é gay não sabe. Uma pessoa gay sabe que gênero e categorias sexuais são coisas fluidas. Uma pessoa que não é gay não sabe. A expansão da consciência é a essência do crescimento espiritual e, por esse motivo, a identidade gay é espiritual em essência. A identidade gay, por ser mais inclusiva, transcende naturalmente muitas das categorias e experiências das identidades não-gays e, por isso mesmo, está mais próxima da Unidade inclusiva, não-dual, que é a essência de Deus.

Esta consciência expandida torna o gay um *outsider* em relação à sociedade convencional. Ao ser compelido pela dissonância cognitiva entre realidade interior e realidade social a questionar suposições fundamentais, tais como a natureza do amor e os relacionamentos, provê-se uma oportunidade preciosa e única para a expansão da consciência. Muito da substância das práticas espirituais visa a treinar, coagir ou despertar os aspirantes para além das suposições limitantes a respeito da natureza do Ser. Neste quesito, ser um gay *outsider* confere certas vantagens, mas isto também tem um valor alto.

O gay *outsider* obtém uma consciência além do comum, mas a sociedade considera o seu conhecimento proibido, um conhecimento vergonhoso, e ele aprende rapidamente que precisa esconder o que sabe para proteger os não-gays, homofóbicos, de “verdades terríveis” dele mesmo e dos outros, e para proteger-se da ira dos ignorantes. O desejo instintivo de autopreservação pode induzi-lo a escondê-la tão bem que ele a esconde de si mesmo, e perde então o dom daquela consciência, deixando-lhe apenas sentimentos de inferioridade, vergonha, rejeição e medo. Ao internalizar a homofobia, ele se torna perigoso para si mesmo e para os seus pares. Ele cinde a sua psique numa socialmente aceitável, não-gay, um falso ser e noutra, proibida, gay, seu verdadeiro ser. Quando acorda para os anseios espirituais que são seu direito natural, é normal que ele tente se aproximar de Deus através das formas e tradições da sociedade. Mas ele chega ao caminho espiritual com as suas energias psíquicas divididas, frequentemente em conflito, e descobre que o Deus da sociedade não tem lugar para o seu ser gay, verdadeiro.

Religiões do pecado

Todas as religiões dominantes, – e com isso me refiro especificamente a maior parte das formas de cristianismo, judaísmo, islamismo, hinduísmo e budismo – perseguem ou, no melhor dos casos, ignoram os gays. Essas tradições homofóbicas, através do abuso e da negligência, infligem danos psíquicos horrendos em todos, mas notavelmente sobre os gays. Elas prejudicam a todos pelo perpetuamento de noções falsas de que os gays são maus ou que eles não existem ou não deveriam existir. Estas noções falsas são antitéticas à Unidade e ao Amor que são a essência de Deus e bloqueiam a experiência completa de Deus naqueles que mantêm este ponto de vista. O instinto natural de autopreservação e sanidade mental impele muitos gays a abandonarem as religiões tradicionais, deixando-os frequentemente num vazio espiritual. Os que permanecem dentro de instituições religiosas tradicionais precisam se resignar à posição precária de minoria marginalizada e desprezada ou da qual se sente pena, relegados a sofrer o dano psíquico e espiritual inerente a tal posição. O pecado mais horrendo que as religiões homofóbicas cometem contra os gays é nos ensinar de modo explícito ou através do silêncio que o ser de Deus odeia, exclui ou ignora o ser gay, infligindo o maior dano que uma alma pode sofrer que é a alienação ontológica de sua própria fonte. Banidos do paraíso, perseguidos e desprezados na terra, os gays são certamente uma tribo perdida vagando pela vastidão do mundo. Negada a sua satisfação nas relações mais mundanas, ordinárias, forçados a se esconder, à invisibilidade, ou, então a uma militância indesejada, os gays se sentem como *outsiders* para Deus. Talvez, especialmente para Deus, infelizmente.

Alternativas religiosas

Como alternativa às religiões oficiais, alguns gays buscam sustentação espiritual nas chamadas religiões pagãs, New Age ou religiões nativo-americanas, que se acredita ter nutrido ou mesmo honrado pessoas gays no passado. Mas, religiões reconstruídas ou recém-inventadas, sem uma conexão histórica contínua com um corpo vivo de práticas e crenças, podem acabar falhando em levar os seus buscadores gays à realização espiritual. Há também outros que tentam curar e entender processos homofóbicos intrapsíquicos e intrapessoais usando a moderna psicoterapia. É certo que tratamentos psicoterápicos visando tal objetivo podem ajudar a nutrir uma identidade gay mais integrada e este é um passo importante em direção à unidade psíquica e espiritual. Porém, uma metodologia puramente psicoterapêutica, desprovida de

nenhuma ligação com a realidade transcendente, seja através de uma tradição espiritual e filosófica provada, ou através da experiência direta, não pode por si só levar uma pessoa até Deus. No melhor dos casos, a psicoterapia pode ajudar a esclarecer e afirmar a nossa condição existencial, levando-nos a aceitar que nenhuma paz ou prazer duradouro pode ser encontrado na realidade física ou psicológica, pois elas são transientes e, portanto, em última instância, inevitavelmente desapontadoras.

Deus é gay

Para estar apto para embarcar na busca mística com a máxima confiança, entusiasmo e energia, os gays precisam superar o senso de alienação ontológica de Deus. Eles precisam saber que Deus na verdade também é Gay, não num sentido exclusivo, mas no sentido “Isto, também”. Deus é Gay porque o ser de Deus envolve tudo que existe, e deve incluir os seres gays. Deus é Gay porque ele é a fonte do amor, de todas as formas de amor. Deus é Gay porque ele é masculino e feminino, assim como não é uma coisa nem outra. Para uma pessoa gay compreender completamente que Deus é Gay, que o ser dela está unido com o Ser Divino, ela deverá aprender como se aproximar de Deus com e através da sua sexualidade, sem precisar deixar esse componente essencial do seu ser na porta de entrada. O que é necessário para libertar o amor gay para o impulso em direção ao limiar da realização espiritual é, portanto, uma tradição espiritual viva, com acesso direto às linhagens de transmissão de tecnologias espirituais poderosas, sistemáticas, lado a lado com a eliminação rigorosa de processos homofóbicos intrapsíquicos e interpessoais que dividem e dissipam as nossas energias psíquicas. Acredito que uma síntese da filosofia tântrica e práticas psicoterápicas centradas numa visão positiva da identidade gay, a qual eu chamo Tantra Gay, podem suprir esta necessidade.

A tradição tântrica na qual eu pratico é em si uma síntese de tantras hindus tradicionais, filosofia vedanta e práticas devocionais na maneira como foram personificadas e ensinadas por Ramakrishna, místico bengali do século XIX que muitos consideram uma encarnação de Deus. Como é usual nas tradições tântricas, uma parte do ensinamento é público e outra é secreta, conhecida apenas por iniciados próximos. Uma parte que até recentemente era mantida secreta dos estudantes que não são bengalis eram práticas e visões de Ramakrishna, gravadas em conversas escritas detalhadas, que são claramente homoeróticas em seu conteúdo, material esse que tem sido omitido nas traduções feitas para línguas ocidentais. No entanto, esta parte do segredo está

exposta agora, e acredito que muitos aspirantes a místicos gays reconhecerão um espírito irmão em Ramakrishna. Pelo que eu saiba, Ramakrishna é a única encarnação de Deus registrada na história do misticismo que revela de modo tão claro o sentido maior e cumprimento do que significa ser gay.

Portanto, o que estou propondo é que aspirantes espirituais gays se juntem e estudem a vida e ensinamentos de Ramakrishna, para colocar em prática algumas das tecnologias que foram passadas por ele e descobrir os seus espíritos gays refletidos no dele. Eu estou re-traduzindo textos fundamentais do original em bengali e tenho encontrado muitas preciosidades neste processo, detalhes vitais omitidos ou obscurecidos em traduções populares que revelam claramente a perspectiva filosófica tântrica de Ramakrishna e seu jeito familiarmente gay de estar no mundo. Defendo a combinação das tecnologias tântricas tradicionais com modalidades terapêuticas em grupo, desenvolvidas a partir da moderna psicoterapia. É o meu desejo ajudar os buscadores espirituais gays a descobrir e desenvolver a beleza e o poder espiritual do seu Ser Divino Gay, para que eles alcancem a realização de Deus e se tornem místicos modernos numa nova ordem espiritual.

Informação biográfica

A minha formação inclui uma graduação em sânscrito pela Universidade da Califórnia em Berkeley (1975) e um mestrado em psicologia clínica pela Universidade de Antioch (1986). Também possuo uma licenciatura em inglês. Estudo e pratico o Tantra Ramakrishna desde 1969, e vivi na Índia por dois anos e meio, entre o período de 1972 até 1977, primeiro como um peregrino, depois como um estudante da Universidade Hindu de Benares (Hindi, Sânscrito), e, finalmente, como um monge pré-probacionista da Ordem Ramakrishna. Deixei a Ordem em 1977 e retornei em 1980, na Sociedade Vedanta do Sul da Califórnia. Deixei novamente a Ordem em 1982 para ensinar meditação e sânscrito e explorar meu ser gay em relação com a minha espiritualidade. Após a minha formação como psicoterapeuta, trabalhei tanto em instituições privadas como públicas. Formei e coordenei um programa de aconselhamento para estudantes na escola onde também ensinei inglês por dez anos. Aposentei-me em 1994 quando as complicações decorridas da Aids me impeliram a focar exclusivamente no meu corpo físico, experimentando uma melhora surpreendente em maio de 1996. O meu corpo mudou dramaticamente (de meros 59 quilos para um corpo muscular de 88 quilos), que

até meus amigos, antigos colegas de trabalho e mesmo familiares não me reconheceram. Esta mudança física reflete uma mudança mental e espiritual igualmente dramática, da qual emergi energizado com uma nova visão do meu papel como representante do Tantra Ramakrishna no serviço do desenvolvimento espiritual dos meus irmãos gays. Tornei-me um monge tântrico gay, o primeiro numa nova Ordem que estou fundando, a Irmandade Ramakrishna. Convido os meus irmãos gays a tomar o que for útil do meu treinamento e experiência e a compartilhar a sua sabedoria e inspiração comigo.

Em Ramakrishna,

Irmão William,

4 de julho de 1997

Notas

¹“*sarva khalvidam brahma*” . Aqui, traduzo a palavra sânscrita “brahman” como “divino”. Brahman é o Absoluto não-pessoal, também chamando sat-cid-ananda, Existência-Consciência-Aventura.

²Na minha opinião, as práticas devocionais vaishnavas que requerem que homens adotem as vestimentas, comportamento e atitude de mulheres para se aproximarem de Krishna como seu amante, implicam, no mínimo, uma sugestão do potencial homoerótico no amor divino. Mas, estas não são práticas vaishnavas tântricas, pelo que eu saiba, e de fato são em grande parte ascéticas (não-sexuais), embora com características extáticas em forma.

©1997 William Schindler. Nenhuma parte deste ensaio pode ser reproduzida sem permissão do autor. Contate o Ashram West Tantra Brotherhood, no endereço www.gaytantra.org.